

**SENHOR SABOROSO**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Mila Wander, 2021  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Roberta Pantoja  
*Revisão:* Laura Folgueira e Mariana Cardoso  
*Diagramação:* Vivian Oliveira  
*Capa:* Rafael Brum  
*Imagens de capa:* romanolebedev/Adobe Stock e Vidady/Adobe Stock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wander, Mila  
Senhor saboroso / Mila Wander. – São Paulo: Planeta, 2021.  
240 p.  
  
ISBN 978-65-5535-311-2  
  
1. Ficção brasileira 2. Literatura erótica I. Título  
21-0575 CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira

## **Acreditamos nos livros**

Este livro foi composto em Dante MT Std para a  
Editora Planeta do Brasil em março de 2021.

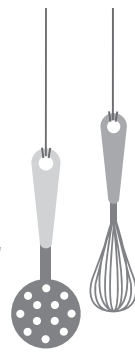
2021

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

## CAPÍTULO 1

# O primeiro sabor



Levei o garfo à boca em um movimento lento, pois adorava saborear a expectativa. Era o primeiro sabor que eu sentia, o que abria alas para o que viria em seguida. Ainda que tivesse noção do que esperar apenas ao observar o prato bem montado diante de mim, havia sempre um segredo guardado por trás da aparência de cada alimento.

Era aquela surpresa que me impulsionava, que fazia com que eu me sentisse viva e disposta a continuar exercendo o meu trabalho com rigor. A expectativa era meu principal equipamento de trabalho, talvez mais importante do que o paladar apurado após anos e anos como crítica gastronômica.

Eu me encantei primeiro pelas texturas. A carne macia derreteu e explodiu em mil partículas de sabores, que se misturaram ao molho, certamente de maracujá, especiarias e pimenta-do-reino, além de outros temperos que não consegui identificar logo de cara, para em seguida se juntarem ao toque de manjeriço e queijo parmesão.

Degustei mais uma porção da comida que me foi tão bem servida e, novamente, senti a mágica da culinária acontecendo em minha boca. Aproveitei o sabor em cada mastigada. Peguei a taça de água e, em um segundo, todo e qualquer sabor desapareceu. Tomei mais um gole de vinho e sorri. Enfim, havia encontrado mais um prato à altura do meu selo gastronômico Sabores de Francis.

Olhei para o salão requintado pela milésima vez nos últimos dias. A música ambiente era uma belíssima melodia tocada por um grupo de violinistas locais. Fiquei maravilhada. Meu corpo respondeu de imediato às emoções, era como se eu estivesse apaixonada por algo que não existia. Aquele restaurante havia superado todas as minhas expectativas, e a sensação era única.

Quando criei o selo, meu objetivo era exatamente aquele: ser surpreendida. Infelizmente, havia muitos chefs ruins espalhados por aí, bem como péssimos restaurantes, de forma geral. Às vezes, a comida era boa, mas o ambiente não ajudava. Às vezes, a localização era espetacular, mas a comida não passava de um punhado de “mais do mesmo”.

Avistei um garçom que logo se aproximou, atento e disposto a servir bem. Sorri educadamente para ele.

— Muito bem — falei ao depositar a taça de vinho na mesa meticulosamente decorada. — Sou Francis Danesi. Poderia chamar o chef Gustavo Medeiros para que eu lhe dê as congratulações em pessoa?

O garçom abriu os olhos como se visse um fantasma. Eu adorava aquela reação. Sentia-me uma mulher realizada em deixar o universo culinário de cabelo em pé. O orgulho brotava em meu peito por ter desobedecido ao meu pai e viajado pelo mundo à procura de sabores inusitados. Ele queria que eu me casasse com um rico empresário. Eu queria casar com minhas ambições.

— S-sim, senhora... Só um segundinho, por favor. — Ele soava a cada instante mais desesperado. Pelo menos, não comentou nada sobre o fato de eu ser mulher, porém sua expressão não negava a surpresa.

O garçom andou apressado pelo salão reluzente, quase atropelando um companheiro que surgia com uma bandeja. Soltei um riso discreto. Enquanto esperava o chef, observei as famílias endinheiradas conversando aos sussurros e bebendo vinho. Joias, gravatas, portes impecáveis, roupas de grife. O restaurante era, naturalmente, frequentado por pessoas com grande poder aquisitivo. Pudera, só a carne com a qual eu acabara de me deliciar custava mais de cem reais.

Entretanto, quanto valia a arte de agradar ao paladar? Comida não tem preço, assim como não há como calcular o valor das emoções.

Percebi um homem se aproximar logo na frente do garçom assustado. Quanto mais perto chegava, mais rugas sua testa ganhava. Eu não me levantei, permaneci impassível. Observei-o com postura profissional enquanto Gustavo Medeiros compreendia quem era a mulher sentada naquela mesa.

— Francis Danesi? — perguntou, meio desconfiado. Abri um sorriso discreto, reservado para a situação. — A senhora é Francis Danesi?

— Senhorita Francis Danesi — corrigi e lhe estendi a mão. O chef pareceu em dúvida sobre o que fazer, mas acabou me cumprimentando. — Pode se sentar, por favor. — Apontei para a cadeira vazia ao meu lado como se fosse a dona do restaurante, e não ele.

Gustavo ainda estava atônito, e eu permanecia excitada por causar, mais uma vez, aquela cara de bocó em mais um renomado chef.

— Desculpa, eu não imaginava que... que...

— Que eu fosse uma mulher — completei sem delongas.

— Bom... Também... — Ele apoiou uma mão na mesa e reparei na manga de seu uniforme. Havia uma mancha de molho do tamanho de uma azeitona bem ali. A imagem foi como um monstro que se apossou do restaurante e engoliu tudo. — Não imaginava que receberia sua visita hoje.

Todos os dias de avaliação minuciosa foram por água abaixo em poucos segundos. Tanto trabalho para nada, muito gasto de energia à toa. Afinal, eu, Francis Danesi, não aceitava nada diferente da perfeição. Deus me livre oferecer o meu selo de qualidade a um restaurante cujo chef é descuidado com o asseio mais básico.

— Sempre venho sem avisar... — respondi, encarando a mancha de molho fixamente, meio distraída. Não dava para tirar meus olhos daquilo. Era um absurdo. Um absurdo dos grandes. — Não teria graça se o senhor soubesse da minha presença. Gosto de avaliar a espontaneidade dos restaurantes que visito.

Gustavo abriu um sorriso nervoso.

— Compreendo... Caramba, não acredito que finalmente conheci Francis Danesi. É uma honra tê-la aqui. Espero que traga notícias boas... — disse o chef, sem disfarçar a ansiedade. Ele fez um sinal para o garçom, que aguardava atento a qualquer comando. — Traga mais uma garrafa de vinho para a senhorita.

Só mais vinho para me fazer esquecer que eu estava em um restaurante em que o chef não tinha cuidado com o uniforme ao ir cumprimentar um de seus clientes. Senti tanto asco que até me deu tontura.

— Como o senhor já deve saber, seu restaurante passou por todas as etapas para ganhar o primeiro selo Sabores de Francis. — Gustavo percebeu que eu não olhava diretamente para o seu rosto. Ele viu a mancha na manga de seu dólma e logo abaixou a mão, escondendo-a por debaixo da mesa.

— Sim, fiquei tão feliz! É o reconhecimento de um trabalho que faço há anos. Comecei do zero aqui em São Paulo, morando perto da cracolândia e sem dinheiro pra nada.

Ele certamente tentava mostrar humildade. Não era novidade o fato de que alguns chefs se vitimizavam em troca de privilégios, quaisquer que fossem. Aquilo me desagradava a ponto de me dar sono. Quem decidia trabalhar com cozinha tinha que colocar na cabeça que nada seria fácil na vida. Eu não saí de casa para me aventurar na França achando que não sofreria preconceito e que jamais passaria fome. Fui ciente de que cada pedra em meu caminho seria utilizada para montar o meu castelo particular.

Claro que não esperava pelo desastre que aconteceu, mas, quanto ao trabalho, sempre fui uma guerreira. Lembro-me de cozinhar durante o dia inteiro em vários restaurantes e chegar ao meu apartamento sem ter absolutamente nada na geladeira. Ocorreu diversas vezes.

— Não foi nada fácil, mas tenho colhido bons frutos — prosseguiu Gustavo, sorrindo nervoso. — Meu grande sonho é, sem dúvida, receber o primeiro selo Sabores de Francis.

Modéstia à parte, não havia um chef brasileiro que não desejasse possuir o meu selo. Foram anos de muito trabalho árduo para conquistar o respeito e a credibilidade merecidos. Não fora usando a emoção que eu tinha chegado tão longe, por isso, ouvir tais palavras de Gustavo não me tirava o foco.

— Muito bem — murmurei, aquiescendo.

O garçom apareceu com uma garrafa de vinho e nos serviu. Ele estava tão nervoso que por pouco não derrubou o líquido escarlate na toalha de mesa branca. Gustavo Medeiros fez nossas taças tilintarem antes de dar um gole farto. Eu o acompanhei, mas logo um sentimento desagradável subiu

pela minha garganta. Eu conhecia aquele tipo de olhar. Poderia identificá-lo há quilômetros de distância. Como se não bastasse a mancha de molho, o filho da mãe começou cedo a flertar.

Suspirei fundo e usei todo o meu autocontrole para não dar mais um dos meus costumeiros chiliques.

— Seu restaurante é muito agradável — falei porque costumava sempre elogiar antes de jogar a bomba. Ao menos minha equipe pedia para que eu fizesse isso. — Vim aqui nos últimos dias no intuito de provar cada prato e devo admitir que o senhor faz um ótimo trabalho.

— Muito obrigado. — Ele deu uma piscadinha e eu cerrei os lábios, furiosa.

Ser levada a sério em um universo dominado por homens arrogantes de egos inflados era a minha maior dificuldade. Precisei de muita paciência, engoli muitos sapos, provei a minha capacidade inúmeras vezes e, por fim, criei um selo famoso, sobretudo no Brasil. Meu objetivo era fazê-lo tão importante quanto o Guia Michelin. Vários indícios deixaram óbvio que todas as minhas conquistas só haviam sido possíveis porque Francis Danesi era um nome comumente masculino.

— Mas não posso oferecer o meu selo a um chef que não se preocupa com sua aparência — completei, sem me abalar. — Essa mancha de molho é tão absurda que vejo que perdi o meu tempo oferecendo a minha última avaliação ao senhor.

Gustavo esbugalhou os olhos em um segundo, mas no outro já estava esbravejando:

— Minha aparência? Pelo amor de Deus, não há nada de errado com a minha aparência!

— O senhor deve saber que um chef que se preza se mantém devidamente asseado — continuei com o mesmo tom de voz. Estava acostumada com aquele tipo de rompante. Muitos chefs se achavam tão superiores que não reparavam em nada além do próprio umbigo. Eu o perdoaria fácil se simplesmente pedisse desculpas.

Mas Gustavo começou a rir, chamando a atenção dos clientes ao redor.

— Você só pode estar brincando comigo! Perdi o meu selo por causa de uma mancha?

— O senhor perdeu por causa de sua prepotência.

— O que uma mulherzinha vadia como você sabe sobre mim? Duvido que sequer saiba o que é uma cozinha de verdade! — Poderia até ter me ofendido, se aquelas palavras não fossem tão parecidas com as que já tinha me cansado de escutar ao longo de minha trajetória. É aquela velha história: lugar de mulher é na cozinha, exceto se for para ser um grande destaque gastronômico. Eu tinha verdadeira repulsa desse pensamento. — Acompanho minha equipe a cada passo, e uma mancha é mais do que natural!

Ele ainda não tinha entendido que o problema não era a mancha, mas sim ter se apresentado sem antes conferir se estava tudo dentro dos conformes. O perigo mora nos detalhes, bem como a perfeição.

— Se o senhor acha que não sei nada sobre cozinha, então não tem por que querer receber um selo criado por mim. — Eu me levantei e peguei minha bolsa e a prancheta onde realizava as anotações. — Passar bem, meu caro.

— Espera aí, sua vaca! — Gustavo Medeiros puxou o meu braço.

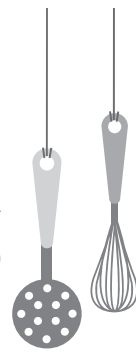
— Me solte, agora! — ordenei e ele obedeceu prontamente. Meu olhar rígido sempre funcionava. — E trate de não quebrar as cláusulas do contrato que o seu restaurante fez com o selo. Se minha identidade for vazada pelo senhor ou por sua equipe, temo que esta espelunca não consiga pagar o valor da indenização.

Gustavo não falou mais nada. Caminhei como se nenhum olhar atravessado fizesse diferença na minha vida – e não fazia mesmo. Não tinha chegado tão longe para ter medo ou dúvidas. Sabia perfeitamente do que eu era capaz. Meu trabalho era a coisa que me trazia mais confiança na vida. Era o ar que eu respirava.

Não era um chef metido a besta que me colocaria no chão. E, ainda que colocasse, eu saberia como me reerguer.



## Uma viagem ao paraíso



No dia seguinte, após o fatídico jantar no restaurante do chef Gustavo Medeiros, a reunião com a minha equipe não foi nada agradável. Eu não podia tolerar que as pessoas em quem mais confiava tivessem me feito perder meu precioso tempo. Eu havia acabado de voltar de uma viagem à Itália em busca das melhores massas do mundo porque eles tinham me garantido que dois restaurantes brasileiros mereciam a minha atenção imediata, já que tinham suprido todas as exigências dos últimos meses de avaliação.

Minha equipe, composta pelos dez melhores críticos gastronômicos do país, sabia o quanto eu era rigorosa, qualidade que havia me permitido chegar tão longe. Meu padrão de exigência devia ser atendido por inteiro, sem erros. O selo dependia diretamente da precisão de nossa avaliação. Não podíamos cometer o engano de selecionar um restaurante ruim ou um chef descuidado.

Foi olhando para a avenida Paulista, através da janela do meu escritório no imenso prédio comercial, que lamentei o fim da minha viagem por terras italianas. Terminei de redigir a resenha narrando a tragédia do restaurante do chef Gustavo Medeiros que seria veiculada em todos os meios de comunicação de culinária do mundo. Após a publicação, ele dificilmente continuaria fazendo sucesso. Eu não dava um ano para que sua espelunca fechasse e ele tivesse que se contentar trabalhando para alguém.

Nunca tive pena de falar a verdade. Eu tinha o compromisso de ser sincera com meus leitores, que esperavam ansiosos pela minha avaliação. Não colocaria panos quentes na terrível situação que vivenciei, pois no meu primeiro deslize ninguém teve a generosidade de relevar e ainda criaram inverdades a meu respeito. No entanto, jamais era injusta ou cruel.

Aprendi a usar as palavras precisas em minhas críticas. Por isso, fiz questão de ressaltar os pontos positivos do restaurante: o bom atendimento, a boa comida, a boa música.

Uma crítica de verdade nunca apenas detonava. Afinal, sempre havia coisas positivas para serem ditas, ainda que fosse algo pouco evidente. Eu tinha perspicácia o suficiente para detectar cada detalhe dos restaurantes que passavam pela minha minuciosa avaliação. No fim, a resenha sempre descrevia exatamente o que significava o trabalho de cada chef, de forma que o leitor pudesse sentir que experimentou a comida que jamais atravessou sua boca.

Alguém bateu à porta do meu escritório e entrou antes que eu respondesse. Eu sabia que só poderia ser Débora, meu braço direito. Nenhuma outra pessoa entrava na minha sala sem autorização. Ela era uma das melhores críticas que eu havia conhecido. Infelizmente, o fato de ser mulher e jovem demais arrancou dela muitas oportunidades. Eu ficava de cabelo em pé toda vez que ela me contava episódios de sua trágica carreira na cozinha.

O Sabores de Francis ofereceu a Débora a chance de se destacar no mercado.

— Não acredito que você não está no aeroporto, Francis! — Ela correu até o meu armário, arrancando minha bolsa e o meu casaco de lá. — Já sei, esqueceu de novo de conferir sua agenda?

— Aeroporto? Pra onde eu tenho que ir? — Levantei da cadeira apressada. Se Débora dizia que eu tinha que viajar, então eu tinha que viajar. — Não conferi mesmo. Passei a noite toda redigindo essa maldita resenha!

— O segundo restaurante fica em Pernambuco. — Débora me entregou uma pasta pesada, carregada de documentos e informações importantes para a viagem. — Suponho que não tenha feito sua mala... — Ela me olhou, assustada.

— Tenho umas duas mudas de roupa que sempre carrego na bolsa. Devem servir. A volta é para amanhã?

— Não, para daqui a cinco dias. — Débora me encarou como se eu tivesse enlouquecido. Às vezes, eu não conseguia raciocinar direito. Era meio avoada. Claro que, se o restaurante precisava de minha avaliação, um dia só

não bastaria. Eu teria que ficar quase uma semana na cidade. — É a avaliação final, Francis. Todas as informações recolhidas pela equipe estão na pasta. Acredito que será o primeiro selo dado a um restaurante nordestino.

Fiz uma careta.

— Você acha?

— Visitei o lugar pessoalmente. — Débora sorriu de orelha a orelha. — Aposto que você vai amar conhecer o Senhor Saboroso. — Ela gargalhou de repente. Seu rosto chegou a ficar vermelho.

— Senhor Saboroso? O que é isso, um prato novo? — Peguei a bolsa, vesti o casaco e segurei a pasta. As demais roupas teriam de ser compradas lá mesmo. Não era a primeira vez, e eu tinha certeza de que não seria a última, já que viajava às pressas e era obrigada a renovar o guarda-roupa.

Débora me deu um envelope com um monte de papéis dentro.

— Aqui estão as reservas do hotel e do carro e todas as informações necessárias para quando chegar lá. Dê uma olhada durante o voo e vá depressa! — Ela era tão competente no que fazia que eu não ousava questioná-la. Débora era do tipo que pensava em tudo e eu amava isso. — Você tem menos de uma hora para estar no aeroporto! Pelo amor de todos os deuses, o de Congonhas, não vá para Guarulhos sem querer, como da outra vez.

— Tudo bem, mas o que é Senhor Saboroso? Não vale soltar a informação e me deixar curiosa!

Minha assistente gargalhou mais uma vez.

— Você vai ver por si mesma. Me ligue assim que descobrir. — Débora praticamente me enxotou. — Vá logo! Tem um táxi esperando por você no térreo!

Como sempre, atenciosa, prestativa e ótima profissional, Débora já tinha resolvido tudo para mim, dando-me a segurança de que eu precisava para realizar o meu trabalho. Não estava em meus planos deixar São Paulo tão cedo, porém sempre amei viajar e o Nordeste tinha uma culinária peculiar, pela qual eu era apaixonada. Não me surpreendi ao saber que o segundo restaurante selecionado era de lá.

Seria divertido.

Quase perdi o voo por causa do trânsito e da grande quantidade de pessoas circulando pelo saguão do aeroporto. Só consegui pegar o avião porque o voo atrasou um pouco, ainda bem. Finalmente, um atraso que estava ao meu favor.

Assim que sentei na poltrona, abri o envelope entregue pela Débora. Para minha surpresa, o restaurante não ficava em Recife, como supus, mas em Porto de Galinhas, um lugar que sempre quis conhecer, mas nunca tive tempo.

Havia um carro com GPS reservado e o hotel em que eu me hospedaria, na verdade, era um resort cinco estrelas. Anexo a ele havia um restaurante chamado Senhor Saboroso, que recebeu a avaliação máxima da minha equipe. Não entendia por que Débora tinha achado tanta graça. O que mais existia era restaurante com nome tosco, aquele não tinha nada de diferente. No entanto, a curiosidade para descobrir o real motivo da gargalhada dela só aumentou, justamente por saber o quão séria era a minha melhor funcionária.

Mal cheguei ao aeroporto de Recife, após três horas e meia avaliando com satisfação os documentos e gostando de todos os comentários feitos sobre o Senhor Saboroso, comandado pelo chef Maurício Viana – de quem, confesso, nunca tinha ouvido falar –, e já me perdi nas lojas a fim de comprar pelo menos mais duas mudas de roupa para os primeiros dias. O resto, compraria em Porto de Galinhas mesmo.

Peguei o carro alugado no próprio aeroporto e segui viagem. O percurso até o resort de um dos litorais mais belos do Nordeste durou uma hora, usando a rota com pedágio indicada pelo GPS. Minhas lamentações pela interrupção da viagem pela Itália tiveram fim no instante em que adentrei o estacionamento do hotel e dei de cara com uma construção monumental.

Eu adorava luxo. Gostava de ser bem atendida, amava cheiro de limpeza, organização e, lógico, lindas paisagens. Agradei mentalmente à Débora por ter reservado uma suíte de frente para área das piscinas, com coqueiros por toda parte e o mar ao fundo, todo azul, imponente.

Deixei as coisas na suíte e tratei de saciar a minha curiosidade. A fome me permitiria ir ao Senhor Saboroso de imediato. Ainda bem que Débora havia

pensado em tudo e eu tinha reservas em seu nome, já que nunca revelava minha identidade nos primeiros dias de avaliação. Era uma estratégia para me manter no anonimato e assim eu receber o mesmo tratamento que o restaurante oferecia a uma cliente comum, deixando a avaliação mais fiel.

O Senhor Saboroso ficava localizado perto da praia, depois da área das piscinas. O céu era de um azul intenso, completamente diferente do tom acinzentado de São Paulo, e quase não havia nuvens. Também fazia muito calor e lamentei por não estar vestindo algo mais apropriado para o ambiente tropical. Lamentei, sobretudo, por não ter trazido um biquíni, mas logo compraria um.

Enquanto caminhava, precisei perguntar a um funcionário onde exatamente ficava o restaurante, já que não havia placas.

— O restaurante é logo ali, moça. — Ele apontou para frente, mas eu não via muita coisa além do mar, que brilhava em tons mesclados de azul e verde. Eu tinha certeza de que jamais vira o oceano com uma cor tão convidativa.

De qualquer forma, o meu destino me pareceu distante, o que me deixou irritada com a minha equipe. Um bom restaurante devia ser de fácil acesso para os clientes, era imprescindível. O fator localização contava muito na avaliação.

— Está certo, obrigada. — Pensei em perguntar mais detalhes ao funcionário, porém desisti. O jeito seria andar na direção indicada e rezar para encontrar logo.

Apesar do sol quente, tentei manter a tranquilidade, o que consegui sem muito esforço devido à paisagem maravilhosa. Ou pelo menos até alguém passar correndo na minha frente e mergulhar na piscina, espirrando água por toda parte, inclusive na única calça jeans que eu tinha.

Não consegui encontrar palavras para expressar a raiva que sentia, por isso, apenas olhei para a piscina, esperando o infrator voltar à superfície para que eu pudesse lhe dizer poucas e boas. Acompanhei um corpo masculino nadar até a borda oposta e sair da água pela escada. De um segundo para o outro, a minha raiva desapareceu. Só consegui me concentrar no homem maravilhoso – e todo molhado – que desfilou até pegar uma toalha sobre uma espreguiçadeira.

Acho que o cara percebeu que eu o encarava, pois virou o rosto na minha direção. Não tive tempo de disfarçar. Ele chacoalhou os cabelos pretos, deixando mais água respingar em seu corpo enorme e bronzeado.

— Eita, poxa! Te molhei? Desculpa aí, moça! — O forte sotaque nordestino chamou a minha atenção, mas nada se comparava à visão da sunga branca que destacava um par de pernas saradas. — Quer a toalha emprestada?

O homem se aproximou com um sorriso gigante no rosto, como se ter me molhado fosse divertido. Não sei por que, mas sua expressão descontráida me irritou e então esqueci que ele era lindo de morrer. Concentrei-me em ficar com raiva dele.

— Você devia era me dar uma calça jeans seca. Não uma toalha que não vai adiantar de nada! — resmunguei antes de pegar a toalha de suas mãos. — Da próxima vez, antes de mergulhar, verifique se não vai deixar ninguém em apuros!

— É só água, moça. Nem molhou muito. — O cara me analisou dos pés à cabeça. O olhar debochado, emoldurado por cílios longos e sobrancelhas escuras, me deixou atônita. — Daqui a pouquinho seca. Quanto tu veste?

— Hã?

— É que eu não sei comprar calça feminina. Uns quarenta e dois?

— Seu idiota — rosnei, devolvi a toalha e passei por ele morrendo de raiva. O cara tinha feito besteira e ainda queria tirar sarro da situação? Além do mais, eu vestia quarenta.

Enquanto ganhava distância, senti-me vulnerável porque sabia que ele estava olhando para mim. Arrisquei uma olhadinha de soslaio e comprovei que, sim, o homem secava a minha bunda. Como não queria que ele continuasse olhando, eu me virei e passei a andar de costas enquanto o encarava, com expressão desafiadora.

Ele começou a gargalhar.

— Não se preocupe, moça, não vou olhar mais. Desculpa, foi mais forte do que eu!

Morrendo de raiva por sua ousadia, virei de costas novamente e tentei correr até que me perdesse de vista. No entanto, acabei virando o meu

corpo bem onde começava uma escadaria com uns quatro degraus para baixo. O resultado foi catastrófico. Só deu tempo de soltar um grito, no outro instante eu já estava estatelada no chão, não antes de tentar apoiar meu corpo com os joelhos.

A queda doeu tanto que meus olhos lacrimejaram.

— Machucou? Não é aqui que se mergulha, moça, é ali na piscina. — O homem ria, mas também me oferecia uma mão para que eu me levantasse. Só aceitei porque a sua presença era a menor de minhas preocupações.

Olhei para o meu joelho dolorido e constatei que havia perdido a calça jeans de uma vez por todas. Além de molhada, agora estava rasgada.

— Caramba, isso deve ter doído que só a poxa. — O homem mudou o tom de voz para um que parecia realmente preocupado. O sorriso faceiro deu lugar à seriedade. — Vem cá que eu te ajudo.

Não estava em condições de negar ajuda e aceitei calada. Ele me conduziu até a espreguiçadeira mais próxima. Em seguida, sentou-se também, ficando de frente para mim.

Ergui a calça jeans até depois do joelho. Ela tinha amortecido bastante o impacto, mas ainda assim a escoriação latejava de forma incômoda.

— Mas que droga! — bufei, assoprando o machucado.

— Da próxima vez, antes de mergulhar, verifique se não vai deixar ninguém em apuros. — Ele repetiu as minhas palavras, e o observei de perto. Sua expressão era tão divertida que acabei soltando um risinho. Ainda mais porque o homem era realmente gato, uma raridade. Eu me vi olhando demais para as gotas que caíam da ponta dos cabelos e escorriam pelo peitoral definido. — Sugiro que lave esse machucado o quanto antes. Tem um chuveirão ali — disse, apontando para a outra extremidade.

— Deixa pra lá. Não foi nada mesmo — suspirei.

— Tô me sentindo culpado agora. Tem alguma coisa que eu possa fazer além de comprar uma calça nova?

— Não. — Levantei da espreguiçadeira antes que o desconhecido tomasse mais liberdades. Ele continuou sentado, com a toalha encharcada sobre o ombro robusto. — Você não me deve nada.

Eu me preparei para voltar à suíte, mas o homem me fez parar ao dizer:

— Tá com fome? Tô no meu intervalo de almoço.

— Não está tarde demais para almoçar? — questionei, sem mencionar que eu também ainda não tinha comido nada.

— Já tô acostumado a almoçar bem tarde. Eu me empolgo no trabalho. E então, vamos?

Ainda o observei por um tempo antes de tomar uma decisão. O homem era interessante fisicamente, mas me parecia só mais um babaca sarado. Não gostaria de perder o meu tempo com alguém que acionava o meu alerta de homem escroto, principalmente porque precisava me concentrar no trabalho e não estava a fim de me decepcionar de novo.

— Não. Estou sem fome — menti na cara dura.

— E um jantar? Simbora, moça, me dê uma chance. Só uma. — Ergueu um dedo e riu de um jeito quase infantil. Ele parecia novo demais para mim. Acho que eu me entediaria se conversássemos por mais de dez minutos.

— Vou trabalhar esta noite. — Não era mentira. Precisava jantar sozinha no Senhor Saboroso. Eu nunca ia acompanhada durante uma avaliação porque odiava me desconcentrar.

Além do mais, duvidava que aquele rapaz pudesse pagar um jantar naquele restaurante tão bem avaliado. Ele devia ser apenas um simples funcionário do resort, já que mencionou estar na pausa para o almoço.

— Tudo bem, eu também vou trabalhar — disse, decepcionado.

— E por que me convidou pra jantar?

— Pretendia escapar um pouquinho, tô tão cansado... — Ele soltou um suspiro que pareceu sincero. — Mas tudo bem, moça, não quero ser um desses caras chatos. — O homem se levantou da espreguiçadeira e trocou a toalha de ombro. — A gente se vê por aí.

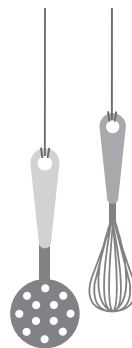
Assenti por educação, sem dizer nada. Ele ainda me ofereceu um largo sorriso antes de ir embora. Daquela vez, foi ele quem girou o corpo e se distanciou da área das piscinas.

E eu, sem querer, acabei secando a sua bunda.



## CAPÍTULO 3

# O real sabor litorâneo



Precisei voltar à suíte para trocar de roupa, já que não queria pagar mico frequentando um restaurante tão bem falado vestida em trapos. Coloquei um vestido leve que comprei no aeroporto e fiz, novamente, toda a trajetória pelas piscinas até chegar a uma construção que demorei séculos para entender que era um restaurante.

Jamais tinha visto coisa igual em toda minha carreira gastronômica, e olha que já tinha viajado para mais de cinquenta países em busca da melhor culinária local. A placa que indicava o Senhor Saboroso era de madeira e estava encravada na areia da praia, fazendo-me supor que se tratava de um local rústico.

A construção nada mais era que uma palhoça grande, em formato de meia lua, que nem piso tinha; apenas a mesma areia branca da praia. As mesas e cadeiras eram feitas de tocos de coqueiros. Parecia um simples restaurante de praia, daqueles que servem tudo banhado a muito óleo e com ingredientes que geram desconfiança.

A diferença era que o lugar não estava lotado com gente de tudo quanto é tipo, só havia umas quinze mesas dispostas de uma maneira peculiar. Também não havia muito barulho além do das ondas beijando a praia. Os clientes falavam baixinho, como se estivessem em uma biblioteca. No mesmo instante, liguei para Débora a fim de perguntar o que diacho havia dado na cabeça dela para me enviar a um local como aquele.

— Por favor, Débora, me diga que cometeu algum engano — falei tão logo ela atendeu a ligação. Estava parada a alguns metros do restaurante, sem entender nada. — Ou que é uma espécie de pegadinha.

— Já encontrou o Senhor Saboroso? — A voz dela era divertida, ignorando a minha seriedade. — Não se deixe levar pelas aparências, Fran, aproveite a experiência. Tudo vai acabar fazendo sentido.

— Eu espero, porque neste momento não consigo encontrar nenhum. Como um lugar desses pode ser digno do meu selo?

— Prossiga. Apenas prossiga — Débora sugeriu com veemência. — Depois do almoço, sua opinião será completamente diferente, isso eu garanto.

Soltei um longo suspiro, balançando a cabeça.

— A sua sorte é que eu confio em você. Do contrário, já teria dado meia volta.

Ela começou a rir e, depois de uma breve despedida, desliguei e guardei o celular de volta na bolsa.

Claro que eu já havia frequentado muitos lugares que tinham se revelado verdadeiras minas de ouro; locais escondidos, feios, de difícil acesso, mas que eram agradáveis e ofereciam uma comida maravilhosa. Eu gostava daquele tipo de surpresa, sempre me fazia repensar os conceitos sobre o que significava ser um bom restaurante. Só que a minha equipe sabia que tínhamos uma gama de requisitos para preencher. E como o selo era relativamente recente, uma rigidez maior era necessária para que ganhássemos mais prestígio. Oferecê-lo a um lugar como aquele seria arriscar muito. O Senhor Saboroso precisava ser muito bom em vários outros quesitos para que a minha visita valesse a pena.

Enquanto analisava a construção minuciosamente, andei ao redor dela e, para o meu alívio, havia uma espécie de recepção na outra lateral, comandada por uma mulher muito bem-vestida, só que descalça porque, afinal, usar sapatos na areia não era boa ideia. Eu estava com muita fome, por isso deixei a avaliação externa de lado e me aproximei com cautela da recepção humilde.

Fui recebida por um sorriso enorme da funcionária.

— Bem-vinda ao Senhor Saboroso! A senhora tem reserva?

— Sim... Está em nome de Débora Vasconcelos.

— Débora Vasconcelos... — Ela conferiu uma prancheta com bastante atenção. — Aqui está. É sua primeira visita ao nosso estabelecimento... E nenhuma restrição alimentar, confere?

— Isso — respondi embasbacada. Eu não acreditava que aquele restaurante praieiro tinha um sistema de menu degustação. Se eles perguntavam sobre restrições alimentares, era muito provável que sim. E eu não podia acreditar!

Pensei em perguntar a respeito, mas o espanto me manteve calada. Talvez fosse melhor deixar as expectativas fluírem até obter uma resposta.

— Mesa para uma pessoa? — perguntou a mulher, conferindo se havia alguém comigo.

Para mim, não era nada estranho frequentar qualquer lugar sozinha. Eu estava mais do que acostumada a reservar mesa para uma pessoa, apesar de receber alguns olhares por causa disso. Não havia companhia melhor do que a minha própria.

— Exatamente.

— Quer uma mesa mais perto da praia ou mais central?

— Hum... — Olhei para o “salão”. — Acho que mais central.

Parecia gozação com a minha cara. Eu me senti no meio de uma pegadinha ao caminhar pela areia fofa entre as poucas mesas ocupadas. O formato meia-lua fez sentido depois que percebi que a construção de madeira que lembrava a metade de um barco gigante protegia do vento, deixando algumas frestas somente para que a brisa circulasse e os clientes não morressem de calor.

De fato, o clima do lugar era muito agradável, eu precisava reconhecer. A sensação foi mesmo de estar em uma embarcação simples, daquelas que os pescadores de cidadezinhas litorâneas utilizavam. A surpresa foi tanta que esqueci de dar uma olhada nos pratos que os outros clientes consumiam, coisa que sempre fazia.

A recepcionista afastou a cadeira, que tinha um formato oval bem peculiar, e me sentei com certa dificuldade por causa da areia sob minhas sapatilhas. Apesar de não parecer, a cadeira era bem confortável. Olhei para a

mesa feita de coqueiros, trabalhada de um jeito bem artesanal. Não estava forrada. Não havia nada sobre ela, nem mesmo guardanapos.

— Senhora Débora, aqui no Senhor Saboroso temos uma política diferenciada dos outros restaurantes. — Observei a mulher, fazendo uma careta de quem insinuava que já tinha percebido. — Sugerimos que a senhora retire seus sapatos e sinta a areia em seus pés enquanto saboreia nossos pratos. O ideal é que observe o mar e escute os sons do oceano, assim nossa comida fará muito mais sentido, tudo bem?

— Tudo — murmurei, tão baixo que nem sei se ela ouviu.

— Um dos nossos garçons vem atendê-la em um minuto. Tenha uma ótima refeição!

Eu não sabia nem onde colocar as mãos. Depois de ter frequentado os melhores e mais refinados restaurantes franceses com destreza, simplesmente não sabia o que fazer em um lugar como aquele. Olhei para os lados, desconfiada. Só então percebi que todos os clientes estavam sentados de frente para a praia. Não tinha uma cadeira sequer de costas para ela, de modo que todo mundo era presenteado pela melhor paisagem.

Tirei meus pés da sapatilha e os deposei, com cuidado, na areia fofa abaixo da mesa. Fazia tanto tempo que eu não sentia nada em meus pés, além da dor causada pelos saltos altos, que não contive um suspiro de prazer. O clima não era quente e nem frio à sombra da palhoça, apenas agradável. Eu me surpreendi com a velocidade com que meu corpo se sentiu à vontade naquele ambiente.

— Boa tarde, senhora! — Um garçom com cara redonda se aproximou, todo animado e de modos extremamente educados. — Os pratos chegarão em breve, e fazemos algumas recomendações alcoólicas e não alcoólicas para acompanhá-los. A senhora tem preferência?

— Hum... — Olhei ao redor para saber o que as pessoas estavam tomando. A maioria das mesas tinha sobre elas enormes taças feitas de algo estranho marrom-escuro. — O que eles estão bebendo? — Apontei enfaticamente.

— O vinho recomendado pelo nosso chef, o Paralelo 8 Premium, feito no Vale do São Francisco. Faz parte de nossa recomendação alcoólica para os pratos de entrada.

Fiz uma expressão decepcionada ao descobrir que o vinho era nacional, embora aquele realmente fosse bem premiado. Não era muito caro, mas interessante. Eu o conhecia. Poucas vezes frequentei um restaurante brasileiro e recebi a recomendação tão direta de um vinho da terra, exceto na região sul do Brasil, onde as vinícolas são mais tradicionais.

— É esse mesmo que eu quero, então. Pode enviar todas as recomendações alcoólicas.

— Perfeito.

O garçom trouxe o vinho tão rápido que estranhei. Estranhei mais ainda porque as taças colocadas na minha frente eram feitas de casca de coco. Depois de um gole de água, o líquido escarlate invadiu o meu paladar de um modo inexplicável. Nenhuma das vezes em que tomei aquele vinho eu me senti tão livre.

Fiquei absorta olhando para o mar e ouvindo os sons que vinham dele, como fui recomendada a fazer. Nem tinha comido nada, mas já me sentia pertencente àquele lugar de um jeito incomum. Era tudo tão estranho que eu ainda não conseguia assimilar direito. Quando o primeiro prato chegou, o cheiro maravilhoso me chamou logo a atenção.

No entanto, não havia talheres.

— Aqui, senhora. — Antes que eu pudesse perguntar por eles, outro garçom apareceu com um tipo de vaso de barro. Fiz uma expressão de quem não estava entendendo nada. — Coloque suas mãos aqui, por favor.

Fiz o que o garçom pediu e ele jogou, com uma jarra também de barro, uma bela quantidade de água com cheiro de flores em minhas mãos. Era refrescante. Fiquei tão admirada que perdi a fala. Por fim, ele me ofereceu um tecido diferente e macio para que eu enxugassem as mãos.

— Bom apetite, senhora. — O homem fez uma reverência e partiu.

Olhei ao redor pela milésima vez. Eu não entendia como não tinha percebido que as pessoas estavam comendo com as mãos. Mas era isso.

Não havia talheres, eu teria que me virar. Entretanto, o primeiro prato servido era um líquido de aparência viscosa dentro de mais uma casca de coco e eu precisaria de uma colher.

Depois de passar alguns minutos só observando, segurei o recipiente improvisado e o levei à boca. O sabor explodiu dentro de mim em mil partículas deliciosas. Fazia muito tempo que eu não comia um prato e não descobria logo de cara quais eram os ingredientes. Só comecei a detectá-los quando tomei ciência dos meus pés tocando a areia e do mar levando e trazendo suas ondas.

O ato de comer é sagrado. Sempre achei, desde que era pequena. Ainda na padaria em que meu pai trabalhava, eu adorava misturar os sabores de seus quitutes. As refeições eram feitas em família, religiosamente. Comer não era apenas comer. Era pensar, era lembrar-se, amadurecer memórias e aflorar as sensações, os instintos, o prazer. Em poucos restaurantes, eu pude afirmar, com convicção, que me diverti de verdade com o ato de degustar um alimento, como fazia antigamente, antes de tornar minha paixão pela culinária um trabalho sério.

O Senhor Saboroso me fez esquecer o mundo. Esqueci até o que estava fazendo, como se tivesse sido hipnotizada pelo conjunto do que significava estar viva e me alimentar com tão saborosa comida. Outros pratos vieram, e eu ficava cada vez mais surpresa. A comida era sempre fresca, na medida certa, muito bem temperada e com toques especiais. Havia consistência, crocância, maciez, sabor. O chef era, de fato, muito inteligente e criativo.

O modo como esse sujeito decidiu apresentar os pratos não tinha nada de luxuoso. Ora a comida era servida em prato de barro, ora em casca de coco ou em recortes de telha ou madeira. Tudo tinha que ser comido com as mãos, exceto alguns alimentos que vieram com talheres improvisados, feitos de pata de caranguejo, osso ou qualquer outra coisa que caísse bem com o prato. No começo, isso me incomodou um pouco, porém fui relaxando e saboreando despreocupadamente, deixando de lado qualquer crítica.

Depois de uma das melhores sobremesas que comi na vida, que, pelo que pude detectar, era feita de frutas vermelhas e uma mistura macia que

lembrava *panna cotta*, o garçom que lavara minhas mãos voltou e as lavou novamente, como havia feito entre a apresentação de um prato e outro. O maître passava pela minha mesa de vez em quando, e, apesar de ter muitas perguntas, não fiz qualquer questionamento.

No fim do almoço, enquanto tomava a última recomendação alcoólica – uma dose curta de conhaque de alcatrão mais artesanal impossível –, ele retornou e perguntou se eu estava satisfeita.

— Sim, muito obrigada — agradei e sorri amplamente. Não conseguia pensar com propriedade. Francis Danesi estava embaçada a ponto de ser incapaz de fazer o seu trabalho avaliativo. — Dê os meus parabéns a toda equipe e ao chef.

— Pode deixar, senhora! Ficamos muito contentes em servi-la.

Terminei o conhaque despreocupada, ainda olhando o oceano. Apesar de a paisagem não ter saído da minha frente durante toda a refeição, cada segundo era único e nada nunca ficava igual. Era um barco que passava, uma lancha, um grupo de turistas, um pescador. O mar trazia algas para a praia, depois as levava. A maré subiu um pouco, perceptivelmente diante do meu olhar atento. De repente, a vida fazia sentido.

Senti que alguém afastou a cadeira ao meu lado e ergui a cabeça, já me perguntando se havia mais surpresas para mim naquele lugar especial. De fato, havia: o homem maluco da piscina se sentou bem ao meu lado, sem pedir licença.

— O que está fazendo? — Fiz uma careta, até que percebi suas vestes brancas de cozinheiro. Fiquei impressionada por ele trabalhar na cozinha de um restaurante conceituado. — Você trabalha aqui?

— Não, só passei pra olhar a paisagem. — O desconhecido observava a praia como se eu não estivesse ali, porém manteve o ar meio irônico. Fazia isso só para me provocar, claro. — Tu me *deixasse* meio arretado, moça. Podia ter dito que não queria comer comigo.

— Ah... Você disse que não queria ser um desses caras chatos. Sinto te informar, mas está sendo. — Balancei a cabeça, irritada de verdade por

ter sido incomodada. — Só um cara chato não entende o recado e invade a minha mesa sem mais nem menos, e ainda por cima nem olha pra mim.

O homem virou o rosto na minha direção. Parecia ainda mais bonito com aquele uniforme, mas certamente eu o julgava assim porque tinha uma queda por cozinheiros.

Por que será, né?

Por outro lado, seu comportamento poderia prejudicar a minha avaliação. Eu não devia amenizar ou me tornar menos rígida.

— Desculpa de novo. Só tô dando bola fora, né não? — A expressão que fez me deu pena de verdade.

Ele não parecia ter invadido minha privacidade por maldade, apenas por desatenção. Mesmo assim, eu não pretendia abaixar a guarda. Aquele homem era meio doido, e eu não queria um perseguidor durante a semana que passaria em Porto de Galinhas.

— É — afirmei com seriedade, mantendo a pose rígida.

Ele observou a mesa, depois me olhou de novo.

— *Gostasse da comida?*

— Eu... — Pensei um pouco a respeito. Preferi me limitar a dar uma resposta simples e rápida. A opinião crítica ficaria para depois, quando eu compreendesse o que tinha acabado de vivenciar. — Gostei. Dê meus cumprimentos ao chef Maurício Viana.

O cara deixou a testa enrugada em uma expressão esquisita.

— Conhece ele, moça?

— Não pessoalmente... — disfarcei, tomando mais um gole do conhaque. Não queria que o chef e nem ninguém da equipe descobrisse que eu era Francis Danesi. Colocaria tudo a perder se me revelasse tão cedo. — Já ouvi falar nele. Sou uma curiosa.

— Mesmo? — Riu de um jeito bonito. O homem pareceu pensar muito antes de me oferecer uma mão. — É um prazer conhecê-la, moça curiosa. Fico feliz por ter gostado da comida.

Segurei a mão dele por educação e porque foi a primeira reação do meu corpo, não por ter raciocinado direito sobre o que significava aquele



cumprimento. O homem continuou sorrindo e me olhando, então a ficha foi caindo devagar.

— *Você é o Maurício Viana?* — quase gritei a pergunta.

Não dava para acreditar que estive com o autor daqueles pratos deliciosos antes mesmo de prová-los. Nem que fui convidada para jantar com ele. Nem que ele secou minha bunda e eu retribuí na maior cara de pau.

— Sou... — Maurício parou de rir muito de repente. Seu olhar ficou um pouco triste. — Não quero ser invasivo de novo, mas sou um curioso também. Posso saber o seu nome?

— Hum... — Prendi os lábios. Eu não queria mentir dizendo que meu nome era Débora, como estava na reserva, mas também não queria ser descoberta. Sendo assim, optei por entregar-lhe o meu nome de batismo: — Franciele.

— Franciele — repetiu de uma maneira sussurrada, que considerei bastante sensual.

Eu o olhei com mais atenção. Maurício parecia muito novo para ser um chef no nível dos pratos que experimentei. Fiquei muito curiosa sobre ele, mas não conseguiria arrancar informações sem que despertasse suspeitas. E eu, definitivamente, não poderia correr esse risco. Seria um desastre para o meu trabalho. Ainda bem que neguei sair com ele. A minha prudência muitas vezes me tirou de apuros.

— Bom, não quero te aborrecer mais. — Maurício se levantou da cadeira. — Desculpa de verdade por...

— Tudo bem, relaxa.

— Tá difícil relaxar, Franciele. Essa cozinha parece que vai acabar com a minha raça — disse, olhando para a construção de madeira na parte de trás, que eu sabia que escondia a sua milagrosa cozinha. — Minha única felicidade ultimamente é quando vejo as pessoas satisfeitas. É para elas que trabalho, não pra mim, sabe? Acho que cansei.

Seu desabafo repentino me deixou tão surpresa quanto curiosa. Nenhum chef que soubesse que eu era Francis Danesi falaria comigo com tanta sinceridade, sem nervosismo e sem medir as palavras. Era por esse e

por vários outros motivos que esconder minha identidade era tão importante. De um modo geral, eu precisava saber mais sobre Maurício Viana.

— Por que está me dizendo isso?

Ele me encarou, depois virou o rosto para o mar.

— Não sei, não. Talvez eu precise de alguém que não tenha nada a ver com gastronomia pra conversar, falar sobre outro assunto... — Ele bufou e soltou um sorriso sem graça. Voltou a me olhar. — Já *tentasse* ser perfeita em alguma coisa?

Aquiesci, sabendo muito bem do que ele estava falando. Eu tentava, o tempo todo, ser perfeita em tudo o que me prontificasse a fazer. Foi minha vontade de acertar que me fez andar pelos caminhos certos, ainda que tortuosos.

— Então, deve saber que é um trabalho que não tem fim nunca... Uma pressão, uma coisa que me dá nos nervos! — Maurício chacoalhou a cabeça. Voltou a sentar sem ser convidado, porém daquela vez não me incomodei. Para ser sincera, eu já estava incomodada de vê-lo em pé. — Era mais divertido quando eu só cozinhava sem pressa, criava sem medo, testava sabores...

— E você não faz mais isso?

Balançou a cabeça em negativa.

— Acho que perdi a vontade de cozinhar.

Eu me identifiquei tanto com Maurício que senti meus olhos se encherem de lágrimas. Tinha desistido de me aventurar na cozinha há algum tempo. Não ousei falar nada porque não quis abrir o maior berreiro na frente de um desconhecido. Quando ele descobrisse quem eu era, que tipo de moral eu teria? Precisava ser profissional e séria do início ao fim, assim ele me respeitaria antes mesmo de saber o real motivo de minha viagem a Porto de Galinhas.

— Certo, tô tomando muito do seu tempo. — Ele sorriu para mim como se, por um segundo, tivesse esquecido os seus problemas. — Perdoe o desabafo.

— Não se preocupe.

— A gente se vê? — perguntou ao se levantar novamente.

Maurício não parava quieto.

— Com certeza nos veremos com frequência — soltei de uma vez, assim ele não estranharia minha presença marcada em seu restaurante. — Gostei muito da sua comida. Fico imaginando como ela seria se você não estivesse tão cansado. — Era uma curiosidade genuína. De fato, queria vê-lo cozinhando naturalmente, sem qualquer pressão externa, mas sabia que era um desejo que jamais seria satisfeito.

Ele sorriu mais uma vez. Foi naquele instante que senti que alguma coisa estava errada comigo. Um simples sorriso não deveria fazer o meu coração acelerar como se eu fosse uma adolescente sem qualquer experiência. Não era a primeira vez que um homem bonito sorria para mim, e eu esperava que não fosse a última.

— Que sorte a minha — murmurou, por fim, e soltei o ar dos pulmões.

O chef ainda sorria e eu só conseguia fazer cara de bocó. Não respondi porque ainda estava tentando retomar o controle da minha respiração e dos batimentos cardíacos.

Antes de ele virar as costas, nós nos encaramos por um tempo que considerei longo demais para o meu gosto. Maurício Viana caminhou por entre as mesas, a fim de falar pessoalmente com seus clientes. Passei algum tempo observando seus modos; o jeito de andar, falar, ouvir.

Ele era um homem muito interessante, sem dúvidas, mas eu ainda o via como o menino travesso que tinha espirrado água em mim. Não conseguia separá-los, até porque, mesmo sendo um ótimo profissional, o chef era jovem e ainda carregava um ar de garoto que pouco sabia sobre a vida. Ao menos aquela era a minha impressão ao analisá-lo minuciosamente.

Sendo assim, a concepção que eu tinha dele não mudou tanto, mesmo depois de descobrir que era um chef dos bons. Talvez porque, antes de qualquer coisa, eu o tinha conhecido como um ser humano normal, apto ao erro e ao acerto. Às vezes, eu me esquecia de que as pessoas que trabalhavam na cozinha eram feitas de carne e osso, o que me ajudava bastante a ser uma crítica objetiva. Contudo, Maurício trouxe certo toque de humanidade que me foi bem-vindo.

A precisão quase cirúrgica de minhas avaliações me fazia tratar todos os envolvidos como seres que tinham a obrigação de ser perfeitos. Maurício, com poucas palavras, me convencera de que toda perfeição não passava de utopia e do quanto essa busca poderia ser estressante e antinatural. Sentia-me uma estúpida por sempre ter corrido atrás dela. Por outro lado, era tarde demais para me arrepender.

Talvez, eu fosse mais feliz sem as infindáveis resenhas e o selo Sabores de Francis, apenas criando diferentes tipos de pães em uma cozinha simplória.

Ou talvez eu estivesse ficando louca mesmo.

